

# O que é educação liberal?

DISCURSO PROFERIDO NA 10ª CERIMÔNIA ANUAL DE GRADUAÇÃO DO PROGRAMA BÁSICO DE EDUCAÇÃO LIBERAL PARA ADULTOS, EM 6 DE JUNHO DE 1959

**Por Leo Strauss**

*Ensino Superior Unicamp publica nesta edição dois textos clássicos de Leo Strauss sobre educação liberal. Strauss nasceu na Alemanha em 1899 e obteve seu doutorado em 1921 da Universidade de Hamburgo, com a tese “Sobre o problema do conhecimento na doutrina filosófica de F.H. Jacobi”, sob orientação de Ernst Cassirer. De 1938 a 1948, já nos Estados Unidos, lecionou na New School for Social Research. Tornou-se em 1949 professor do Departamento de Ciência Política na Universidade de Chicago. De 1969 a 1973, ano de sua morte, lecionou no St. John’s College, Annapolis<sup>[1]</sup>. Entre suas obras estão *The Political Philosophy of Hobbes*, *Natural Right and History* e *Thoughts on Machiavelli*<sup>[2]</sup>.*

Vocês obtiveram uma educação liberal. Eu os parabeno por essa conquista. Se fosse minha única obrigação, faria apenas elogios pela conquista. Mas não estaria cumprindo com o dever que assumi se não complementasse minhas felicitações com um alerta. A educação liberal que obtiveram vai evitar o perigo de que tal advertência seja compreendida como um conselho desesperado.

Educação liberal é educação em cultura ou para a cultura. O produto acabado da educação liberal é um ser humano de cultura. “Cultura” significa primariamente agricultura: o cultivo do solo e seus produtos, o cuidado do solo, a melhoria da terra de acordo com sua natureza. Derivadamente, “cultura” significa hoje principalmente o cultivo da mente, o cuidado e a melhoria das faculdades natas da mente de acordo com a natureza da mente. Assim como o solo precisa de cultivadores, a mente precisa de professores. Mas não é tão fácil encontrar professores quanto é encontrar agricultores. Os próprios professores são pupilos e devem ser pupilos. Porém, não pode haver um regressão infinita: em última instância, deve haver professores que não são, por sua vez, pupilos. Es-

ses professores que não são, por sua vez, alunos são as grandes mentes ou, para evitar qualquer ambiguidade num tema de tamanha importância, as maiores mentes. Tais homens são extremamente raros. Provavelmente não encontraremos nenhum deles na sala de aula. Provavelmente não os encontraremos em lugar nenhum. É uma questão de sorte se houve um deles vivo durante sua época. Para todos os fins práticos, os pupilos, em qualquer nível de proficiência, só têm acesso aos professores que não são, por sua vez, pupilos, ou às grandes mentes, por intermédio das grandes obras. A educação liberal então consiste em estudar com o devido cuidado as grandes obras deixadas pelas maiores mentes – um estudo no qual os alunos mais experientes ajudam os menos experientes, incluindo os iniciantes.

Não é uma tarefa fácil, como poderia parecer se considerássemos a fórmula que acabo de mencionar. Essa fórmula requer um longo comentário. Muitas vidas foram gastas e ainda podem ser gastas na elaboração desses comentários. Por exemplo, o que significa dizer que as grandes obras devem ser estudadas “com o devido cuidado”? No momento, menciono apenas uma dificuldade que

[1] No site do Leo Strauss Center, da Universidade de Chicago, há farto material sobre seu pensamento e produção intelectual <http://leostrausscenter.uchicago.edu/>

[2] Para a bibliografia completa de Strauss, acesse [http://leostrausscenter.uchicago.edu/files/pdf/Strauss\\_Bibliographie\\_3-5-09.pdf](http://leostrausscenter.uchicago.edu/files/pdf/Strauss_Bibliographie_3-5-09.pdf)

é óbvia para todos vocês: nem todas as maiores mentes nos dizem as mesmas coisas em relação aos temas mais importantes; a comunidade dessas maiores mentes é rasgada pela discórdia, até por vários tipos de discórdia. Independentemente das consequências que isso possa gerar, uma dessas consequências certamente é que a educação liberal não pode ser simplesmente uma doutrinação. E aqui eu menciono mais uma dificuldade. “A educação liberal é educação em cultura.” Que cultura? Nossa resposta é: cultura no sentido da tradição ocidental. Mas a cultura ocidental é apenas uma entre muitas. Ao nos limitarmos à ocidental, não condenamos a educação liberal a um

**A educação liberal, que consiste na permanente troca com as maiores mentes, é um treinamento na forma mais alta de modéstia. É, ao mesmo tempo, um treinamento de ousadia: exige de nós uma ruptura total com o silêncio, a pressa, o descuido, a feira de vaidades dos intelectuais e seus inimigos**

tipo de paroquialismo? E o paroquialismo não é incompatível com o liberalismo, a generosidade, a mente aberta da educação liberal? Nossa ideia de educação liberal não parece se encaixar numa época consciente do fato de que não existe a cultura da mente humana, mas uma variedade de culturas. Obviamente, “cultura”, se suscetível a ser usada no plural, não é o mesmo que “culture”, que é *singulare tantum*, só podendo ser usada no singular. A “cultura” já não é mais absoluta, ela se tornou relativa. Não é fácil dizer o que significa a cultura suscetível a ser usada no plural. Como consequência dessa obscuridade, as pessoas sugerem, explícita ou implicitamente, que a “cultura” é qualquer padrão de conduta comum a qualquer grupo humano. Assim, não hesitamos em falar de cultura de subúrbios, cultura das gangues juvenis, delinquentes ou não. Em outras palavras, todo ser humano fora do hospício é um ser humano culto, pois ele participa de uma cultura. Nas fronteiras da pesquisa surge a questão sobre se há ou não culturas entre os membros de um hospício. Se contrastarmos o uso atual de “cultura” com seu significado original, é como se alguém dissesse que o cultivo de um jardim pode consistir no jardim sendo sujado por latas vazias, garrafas de uísque e papeis amassados jogados pelo jardim de forma aleatória. Tendo chegado a esse ponto, percebemos que perdemos nosso caminho de alguma forma. Vamos então começar de novo, levantando a seguinte questão: o que a educação pode significar aqui e agora?

**A** educação liberal é a alfabetização de certo tipo: algum tipo de educação em letras e através das letras. Não há necessidade de justificar a alfabetização – todos os eleitores sabem que a democracia moderna mantém-se ou cai pela alfabetização. Para entender isso, precisamos refletir sobre a democracia moderna. O que é a democracia moderna? Antes dizia-se que a democracia é o regime que se mantém ou entra em colapso em função da virtude: uma democracia é um re-

gime no qual todos, ou a maioria dos adultos, são homens de virtude. Como a virtude parece exigir conhecimento, é um regime no qual todos, ou a maioria dos adultos, são virtuosos e sábios, ou a sociedade na qual todos, ou a maioria dos adultos, desenvolveram sua razão a um nível alto – ou a sociedade racional. A democracia deveria ser uma aristocracia que se ampliou para uma aristocracia universal. Antes do surgimento da democracia moderna, havia dúvidas sobre se a democracia entendida dessa forma era possível. Como colocou uma das mentes mais brilhantes entre os teóricos da democracia: “Se houvesse um povo composto por deuses, ele seria governado de forma democrática. Um governo de tal perfeição não é para seres humanos.” Essa opinião discreta hoje se tornou um alto-falante de alta potência. Existe toda uma ciência – a ciência que eu, entre milhares, professo ensinar, a ciência política – cujo tema é o contraste entre a concepção original de democracia, ou o que se pode chamar de ideal de democracia, e a democracia como ela é. Segundo um pensamento extremo, predominante na profissão, o ideal de democracia foi uma completa ilusão, e a única coisa que importa é o comportamento das democracias e o comportamento dos homens em democracias. A democracia moderna, muito longe de ser uma aristocracia universal, seria o domínio das massas, se não fosse pelo fato de que a massa não pode dominar, mas é dominada pelas elites (por exemplo, grupos de homens que, por qualquer razão, estão no topo ou contam com uma boa chance de chegar ao topo). Uma das virtudes mais importantes exigidas para o funcionamento sem trancos da democracia, no que se refere às massas, é a apatia eleitoral, ou a falta de espírito público. Certamente não o “sal da terra”, mas o sal da democracia moderna são os cidadãos que não leem nada, exceto a página de esportes e os quadinhos. A democracia é portanto, realmente, não o domínio das massas, mas a cultura de massas. Uma cultura de massa é uma cultura que pode ser apropriada pela capacidade média sem qualquer

esforço intelectual ou moral, a um preço monetário muito baixo. Mas até mesmo uma cultura de massa, e precisamente uma cultura de massa, exige uma oferta constante do que se chama de novas ideias, que são os produtos do que se chama de mentes criativas: até mesmo músicas de comerciais perdem seu apelo se não variarem de tempos em tempos. Mas a democracia, mesmo se só for considerada a concha que protege a cultura de massa, exige, no longo prazo, qualidades de um tipo totalmente diferente: qualidades de dedicação, concentração, amplitude e profundidade. Assim, entendemos mais facilmente o que significa a educação liberal aqui e agora. A educação liberal é o antídoto para a cultura de massa, para os efeitos corrosivos da cultura de massa, para sua tendência inerente de produzir nada, a não ser “especialistas sem espírito ou visão e apreciadores do prazer sem coração”. A educação liberal é a escada pela qual tentamos subir da democracia das massas à democracia em seu sentido original. A educação liberal é o esforço necessário para fundar uma aristocracia dentro da sociedade de democracia de massa. A educação liberal lembra aos membros de uma democracia de massa que tenham ouvidos para ouvir sobre a grandiosidade humana.

**A**lgumas pessoas podem afirmar que essa ideia de educação liberal é meramente política, que assume dogmaticamente que a democracia moderna é boa. Não podemos virar as costas para a sociedade moderna? Não podemos voltar à natureza, à vida em tribos não alfabetizadas? Não estamos esmagados, nauseados, degradados pelo material impresso massivo, cemitério de tantas florestas belas e majestosas? Não é suficiente dizer que isso é mero romantismo, que hoje não podemos voltar à natureza: as próximas gerações, depois de um cataclismo forjado pelo homem, não podem se sentir atraídas por viver em tribos não alfabetizadas? Nossos pensamentos sobre guerras termonucleares não serão afetados por essas

---

# **A educação liberal é o antídoto para a cultura de massa, para os efeitos corrosivos da cultura de massa, para sua tendência inerente de produzir nada, a não ser 'especialistas sem espírito ou visão e apreciadores do prazer sem coração'**

possibilidades? Certamente os horrores da cultura de massa (que inclui passeios guiados pela natureza intacta) tornam inteligível o anseio pela volta à natureza. Uma sociedade analfabeta, no melhor dos casos, é uma sociedade governada por antigos costumes ancestrais que derivam dos fundadores originais, deuses, filhos de deuses ou pupilos de deuses. Como não há letras numa sociedade assim, os herdeiros não podem estar em contato direto com os fundadores originais; eles não sabem se os pais ou avós desviaram-se do que os fundadores queriam dizer originalmente, se transformaram a mensagem divina com adições ou subtrações humanas. Assim, uma sociedade não alfabetizada não consegue agir de forma consistente sobre seu princípio de que o melhor é o mais antigo. Apenas letras que vieram dos fundadores podem permitir que os fundadores falem diretamente aos últimos herdeiros. É contraditório

querer retornar à não alfabetização. Somos obrigados a viver com livros. Mas a vida é curta demais para viver com quaisquer livros que não sejam os melhores. Nesse sentido, fazemos bem em tomar como nosso modelo aquele entre as maiores mentes que, por causa do seu senso comum, é o mediador entre nós e as grandes mentes. Sócrates nunca escreveu um livro, mas os lia. Permitam-me citar uma frase de Sócrates que diz quase tudo que há para ser dito sobre o nosso tema, com a nobre simplicidade e a tranquila grandiosidade dos antigos: “Assim como os outros se agradam com um bom cavalo, cachorro ou pássaro, eu me agrado ainda mais com bons amigos... E os tesouros dos homens sábios de antigamente, que eles deixaram por escrito em livros, eu desvendo e percorro com meus amigos. Se vemos algo bom, selecionamos e consideramos um ótimo ganho se, dessa forma, nos tornamos úteis um para o outro.” O homem que faz esse discurso acrescenta um comentário: “Quando ouvi isso, me pareceu que Sócrates era abençoado e que ele liderava os homens que os escutavam em direção a um perfeito cavalheirismo.” Esse relato é falho, pois não nos diz nada sobre o que Sócrates fazia em relação àquelas passagens nos livros dos homens sábios antigos que ele não sabia se eram boas. Em outro relato, aprendemos que Eurípedes deu a Sócrates os escritos de Heráclito, e então pediu a opinião dele. Sócrates disse: “O que eu entendi é grandioso e nobre; acredito que o mesmo se aplique ao que eu não entendi; mas certamente é necessária uma ferramenta para entender esses escritos.”

Educação para um cavalheirismo perfeito, para a excelência humana, a educação liberal consiste em lembrar a pessoa da grandiosidade humana. De que formas a educação liberal nos lembra a grandiosidade humana? Não podemos ter pensamento mais elevado sobre o que a educação liberal significa. Ouvimos falar da sugestão de Platão de que a educação é o sentido mais alto na filosofia. A filosofia é a busca por sabedoria ou a busca

por conhecimento das coisas mais importantes, mais altas, mais abrangentes; esse conhecimento, como ele sugeriu, é a virtude e a felicidade. Mas a sabedoria é inacessível ao homem e, portanto, a virtude e a felicidade sempre serão imperfeitas. Apesar disso, o filósofo – que, como tal, não é simplesmente sábio – é declarado como o único rei verdadeiro. Declara-se que ele tem todas as excelências das quais a mente humana é capaz, no mais alto nível. A partir disso, concluímos que não podemos ser filósofos – não podemos adquirir a forma mais alta de educação. Não devemos nos deixar enganar pelo fato de que encontramos muitas pessoas que se dizem filósofos. Elas empregam uma expressão vaga, talvez por conveniência administrativa. Muitas vezes, querem dizer que são membros de departamentos de filosofia. É tão absurdo esperar que membros de departamentos de filosofia sejam filósofos quanto é absurdo esperar que membros de departamentos de arte sejam artistas. Podemos não ser filósofos, mas podemos amar a filosofia, podemos tentar filosofar. Essa filosofia consiste primariamente e, de certa forma, principalmente em escutar a conversa entre os grandes filósofos ou, de forma mais geral e cautelosa, entre as maiores mentes, portanto estudar as grandes obras. As maiores mentes a quem devemos ouvir não são, de forma alguma, exclusivamente as grandes mentes do Ocidente. É simplesmente uma contingência infeliz que nos impede de ouvir as maiores mentes da Índia e da China: não entendemos sua linguagem, e não podemos aprender todos os idiomas. De novo, a educação liberal consiste em escutar a conversa entre as maiores mentes. Mas aqui somos confrontados com a grande dificuldade de que essa conversa não ocorre sem nossa ajuda – o fato de que devemos fazer essa conversa acontecer. As maiores mentes fazem monólogos. Devemos transformar seus monólogos num diálogo, seus “lado a lado” num “juntos”. As maiores mentes produzem monólogos até quando escrevem diálogos. Quando observamos os diálogos platônicos, vemos que

**A educação liberal é o esforço necessário para fundar uma aristocracia dentro da sociedade de democracia de massa. A educação liberal lembra aos membros de uma democracia de massa que tenham ouvidos para ouvir sobre a grandiosidade humana**

nunca existe um diálogo entre mentes da ordem mais alta: todos os diálogos de Platão são diálogos entre um homem superior e um homem inferior a ele. Platão aparentemente achava que não era possível escrever um diálogo entre dois homens da ordem mais alta. Devemos, então, fazer algo que as maiores mentes não puderam fazer. Vamos encarar essa dificuldade – uma dificuldade tão grande que parece condenar a educação liberal como um absurdo. Como as maiores mentes se contradizem umas às outras em relação aos temas mais importantes, nos obrigam a julgar seus monólogos; não podemos confiar no que nenhuma delas diz. Por outro lado, não podemos deixar de notar que não somos competentes para sermos juízes. Esse estado das coisas é disfarçado por uma série de ilusões superficiais.

De alguma forma acreditamos que nosso ponto de vista é superior, melhor que o das maiores

mentes – ou porque o nosso ponto de vista é o do nosso tempo, e nosso tempo, sendo mais recente que o das maiores mentes, é presumido como superior; ou porque acreditamos que cada uma das maiores mentes estava certa a partir de seu ponto de vista, mas não absolutamente certa. Nós sabemos que não pode haver uma visão simplesmente verdadeira, mas apenas uma visão formal verdadeira; essa visão formal consiste na ideia de que toda visão abrangente é relativa a uma perspectiva específica, ou que todas as visões abrangentes são mutuamente exclusivas e nada pode ser simplesmente verdadeiro. As ilusões que nos enganam quanto à nossa situação verdadeira correspondem a isso: que nós somos, ou podemos ser, mais sábios do que os mais sábios homens do passado.

Assim, somos induzidos a interpretar o papel não de ouvintes atentos e dóceis, mas de agentes e domadores de leões. Mesmo assim, devemos encarar nossa impressionante situação, criada pela necessidade de tentarmos ser ouvintes mais atentos e dóceis, quer dizer, juízes, ainda que não competentes para sê-lo. Para mim, a causa dessa situação é que perdemos todas as tradições simplesmente autorizadas nas quais poderíamos confiar, o *nomos* que nos deu orientação, porque nossos professores imediatos e professores dos professores acreditavam na possibilidade de uma sociedade simplesmente racional. Cada um de nós aqui se vê inclinado a encontrar sua própria orientação por esforço próprio, apesar das falhas.

**N**ão temos conforto a não ser por aquele inerente a essa atividade. A filosofia, como aprendemos, deve estar alerta contra o desejo de ser edificante – a filosofia só pode ser intrinsecamente edificante. Não podemos exercer nosso conhecimento sem, de tempos em tempos, entender algo de importância; e esse ato de entendimento pode ser acompanhado pela conscientização do nosso entendimento, pelo entendimento do entendimento, por *noesis noeseos*. É uma experiência tão

alta, tão pura, tão nobre que Aristóteles a atribuía ao seu Deus. Essa experiência é inteiramente independente de se o que entendemos primariamente é agradável ou desagradável, bonito ou feio. Isso nos leva a perceber que todos os males são, de certa forma, necessários para o entendimento. Isso nos permite aceitar todos os males que nos ocorrem e que podem nos ferir no espírito de bons cidadãos da cidade de Deus. Ao tomar consciência da dignidade da mente, percebemos a verdadeira base da dignidade do homem e, com isso, a bondade do mundo, que é o lar do homem porque é lar da mente humana.

A educação liberal, que consiste na permanente troca com as maiores mentes, é um treinamento na forma mais alta de modéstia, para não dizer de humildade. É, ao mesmo tempo, um treinamento de ousadia: ela exige de nós uma ruptura total com o silêncio, a pressa, o descuido, o barato da feira de vaidades dos intelectuais e dos seus inimigos. Exige de nós a ousadia implícita na determinação de considerar as visões aceitas apenas como opiniões, ou considerar as opiniões médias como extremas, pois têm no mínimo a mesma probabilidade de estarem erradas que as opiniões mais estranhas ou menos populares. A educação liberal é a libertação da vulgaridade. Os gregos tinham uma bela palavra para “vulgaridade”; eles diziam *apeirokalia*, falta de experiência em coisas bonitas. A educação liberal nos oferece experiência em coisas bonitas.